

# Crônica de vida anunciada

Carlos Maldonado<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo propõe-se à discussão de possíveis sentidos das palavras educação e evolvimento. Exerce essa tentativa a partir de uma interpretação etimológica livre e poética. Busca ligações possíveis entre ética e educação e estética e evolvimento e indica a incompatibilidade entre a educação (os seus fins anunciados e a sua práxis), e a afirmação individual da liberdade.

**Palavras-chave:** Liberdade. Educação. Evolvimento (ou Evolução).

## Abstract

This article intends to discuss possible meanings and senses of the words: education and 'evolvement' (a neologism). It attempts for starting from a free and poetic etymological interpretation. It looks for possible connections between ethics and education and aesthetics and evolvement and it indicates the incompatibility between education (with ends the previous praxis) and individual liberty.

**Keywords:** Liberty. Education. Evolvement.

---

<sup>1</sup> Coordenador Nacional da Carta da Terra no Brasil e membro ativo da Carta da Terra para o Estado de Mato Grosso. Membro do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação (UFMT). Doutorando em Ziegen (Alemanha).Mailto: cmaldonado@terra.com.br

A liberdade como condição humana e dimensão instituinte do ser.

Processos de constituição do ser pelo exercício insurrecional da liberdade.

De como os sentidos germinais impregnam as palavras e as revelam. E de como, em sensação lógica e instintual os fins e a práxis da educação parecem incompatíveis com a afirmação da liberdade.

## Educação... O que mesmo é que é?

Vamos nos servir de uma interpretação livre sobre a formação da palavra. O intento poético é que nessa trajetória possamos significar o conceito de certa forma. Não será, certamente, a forma única. A liberdade nunca é uma fôrma.

Pactuemos esse exercício como a busca da excitação do espírito pela arte da significação subjetiva e pretensamente arquetípica da palavra a partir dos seus étimos, os seus menores essenciais – átomos sobre os quais a molécula palavra se constrói.

## Educação

*Ēdūcātionis, Ēdūcāre, Ēdūco, Ex dūco, dūco, dūz, dux.*

De *dux*, temos “pastor, o que vai à frente” podemos entender como aquele que cuida e é responsável. O fim da ação do pastor é manter o rebanho unido, saudável, deve cuidar para que as ovelhas não se percam; coletivizá-las como forma de acentuar seu domínio sobre elas, criar padrões de conduta, antever riscos e perigos e evitá-los. A finalidade, porém, está além da satisfação de cada ovelha, individualmente considerada. A que gosta de fugir para um regaço d’água, de fruir seu tempo em liberdade, de assegurar uma conduta própria é uma ovelha desobediente, ou num preconceito duplo: a ovelha negra e a que pela sua liberdade de movimentos pode pôr-se em risco, e portanto a ovelha irresponsável. Subjaz a idéia de que as ovelhas deixadas à sua própria liberdade sucumbiriam à sua condição. Não acreditamos nas ovelhas, daí a importância do pastor. E ainda, o cuidado devido às ovelhas diz mais respeito aos interesses do pastor ou de quem paga o seu trabalho do que às ovelhas mesmas. Cuidar delas não significa atender aos seus interesses. As ovelhas são apenas objetos de uma projeção de valor que se encontra para além delas próprias. Ao tratá-las no conjunto impessoal, o rebanho torna-se categoria, o plural se unifica pela busca de um padrão que lhe dê uma unidade valorativa, e esse valor de conjunto se transforma em uma identidade aos olhos de quem cuida (ou de quem narra). “É um rebanho dócil e obediente, mas há que se cuidar da ovelha malhada que pode pô-lo a perder”. Assim como as maçãs podres que devem ser tiradas do cesto, as ovelhas diferentes também podem contaminar as demais.

A individualidade, quando vista, geralmente o é pelo contrário, pela fuga do padrão, e o esforço é conduzi-la aos comportamentos grupais desejados, em nome de uma pretensa normalidade majoritária ou hegemônica. O ideal do pastor é a uniformidade comportamental do rebanho. Uma uniformidade que não lhe dê muito trabalho ao cuidar, que legitime sua liderança, que espelhe obediência, que possa ser previsível. O principal desafio do pastor é a equalização comportamental do rebanho e a ampliação (ou o domínio) da capacidade de prever o seu comportamento coletivo.

Há tipologias comportamentais que afetam o trabalho do pastor. As ovelhas muito lépidas ou muito morosas, por exemplo. As soluções possíveis: manter as primeiras presas e as segundas isoladas, para que não prejudiquem o ritmo das demais. A depender da criatividade e da iniciativa, o pastor pode buscar formas educativas de equalização, com exercícios de agilidade para as segundas e de frenagem para as primeiras. Se funcionarem é possível a reintegração, se não, a apartação é certa. O que define a condição da convivência é uma determinada mediania de comportamento que estabelece o ritmo padrão do pastor e das demais ovelhas. Uma atenção especial pode ser despendida às ovelhas díspares, no esforço de recuperação da condição de normalidade do grupo. Mas apenas serão reintegradas à convivência se alcançarem a mediocrização sujeitando-se ao mediocrismo dos uniformes, dos aparentemente iguais, dos majoritários que são, talvez universalmente, hegemônicos nos valores que defendem e propõem.

De *duz*, entre múltiplos sentidos, resgatamos dois, pela força imagética e pelo *étymon* provavelmente originário:

a) levar, conduzir; introduzir um personagem em cena teatral', donde representar; pôr sobre, cobrir, revestir;

b) tirar uma linha, apagar riscando; enganar, pôr dentro.

A introdução de alguém para a cena teatral configura-se uma metáfora muito forte na linha de possibilidades interpretativas aqui propostas. Conduz-nos à idéia de que a convivência social constitui-se num conjunto de representações previamente balizadas em um *script*<sup>2</sup> ao qual lato sensu poderíamos denominar cultura, aqui entendida na sua intrinsecamente proclamadora condição civilizacional. Qualquer negação à cultura significa uma opção à barbárie, um insulto às raízes que fazem o mundo possuir sentido e coesão. E mais que isso, possui a força potencial da afronta e da ameaça. Mas ao afirmarmos como cena teatral uma dada ritualística de relações societárias, dizemos implicitamente outra coisa: que há um espaço onde a representação não se processa por si mesma – o indivíduo. O ser uno, inteiro, original, inédito, indiviso. Quanto mais forte sua individualização

2 Utilizamos *script* e não roteiro, por ser um étimo adequado e revelador. Embora incorporado ao inglês, é um derivado da palavra latina *scriptorium*, que em seu sentido original designava o local onde se copiavam livros. Um lócus da cópia. Uma espécie de útero da repetição. Repetir possui significados (provavelmente arquetípicos) de subir até a origem, passar de novo pelo espírito, tornar a dizer.

(na direção de marcá-lo distintamente do grupo pela afirmação de caracteres únicos), maior será a dificuldade de aceitação, integração e convivência social. Daí o esforço de transformar o indivíduo em pessoa. Entendendo pessoa na sua significação etimológica de *persona*, máscara de teatro, personagem.

Em devaneio, podemos imaginar um grupo de sapiens originários, em condição semi-simiesca, e que ainda não consolidou uma percepção de espécie. O que caracterizaria a capacidade de inclusão e o sentimento de pertença ao grupo seria o domínio de códigos comunicacionais comuns. O ser em si não seria automaticamente reconhecido como parte. Para que isso ocorra, ele é conduzido ao domínio do básico comunicacional que permite a convivência comum. Poderíamos imaginar, entre outros, o compartilhamento do sentido de gestos e expressões miméticas, de técnicas, de ritmos, de sons, de ritos (em uma fase mais avançada). Esse domínio passa a ser condição de pertença ou não. Tratamos aqui da hipótese de um sujeito coletivo absoluto. De um processo germinal que não admite (em hipótese) qualquer subjetivação intensificada. Da mesma maneira seriam tratadas eventuais diferenças disfuncionais, ou característicos exacerbados de comportamentos não majoritários. A diferença é tratada como uma ameaça ao grupo. E o diferente é visto mais do que como um componente frágil, como uma coisa, um não-eu, um selvagem, um bárbaro, um estrangeiro. Da mesma espécie das antas ou dos caititus. Não identificamos na coisa um igual, um semelhante. E a pena para a insciência, a agnosia, a ignorância, a disfuncionalidade, a assunção pelo outro de característicos de distintividade é o rechaço à condição de pertença. E isso levaria a comportamentos claros de exclusão, afastamento, ostracismo e indiferença.

Talvez as cerimônias (implícitas ou explícitas) de negação do outro possam ser as primeiras manifestações ritualísticas da espécie. Elas devem guardar um significado de purgação social que aprofunda a coesão do grupo e a sua identidade. Não é um castigo, é uma garantia prospectiva; um ato que fortalecendo o presente do grupo, assegura o seu futuro. Ao punir, me reconheço parte. Ao punir, o corpo social se regenera, estabiliza as relações, inventa a ética. A contraparte a esses 'riscos' (em duplo sentido) é a socialização, o ingresso do que chega no domínio dos códigos culturais identitários que o precedem, e para isso é necessário um processo que transforme a coisa, o selvagem, o bárbaro, o estrangeiro, em pessoa.

Para essa transformação apoiamo-nos no segundo entendimento de duz: a idéia imagética de apagar riscando. A ação de alguém sobre algo. De alguém que atua com uma intencionalidade (apagar) manifestada em uma ação metódica (riscando). Ao riscar temos dois resultados: fazer sumir e fazer surgir. E nenhuma pactuação com o riscado (com aquilo em que se risca). Nenhuma consideração antecedente. O que surge é o risco que faz sumir a originalidade do material objeto do traço. Há aqui uma função intrínseca de reparação da imagem. Uma reparação legitimada pela idéia subjacente de um "pecado original" e de uma original incapacidade ontogenética do ser. Com essas justificações genesíacas, a reparação

configura-se na verdade como um processo de definição social do outro. Uma espécie de contrato de adesão ao qual a possibilidade de recusa é inexistente. Pela mão de quem traça, o riscado ganha uma personalidade com a qual se apresenta ao coletivo. O traço é uma roupa que encobre e pretensamente embeleza o corpo; que o faz apresentável à sociedade. Uma roupa que trás em si uma dada posição relacional, (que pode ser entendida como fruto de uma determinada condição presente), e uma dada expectativa de inserção social (que pode ser entendida como uma projeção petrificada dessa mesma condição presente). É provável que a condição presente e a sua projeção futura sejam marcos decisivos (ainda que não definitivos), dos cuidados dos alfaiates e das escolhas ou disponibilidades do material necessário à confecção. E a roupa é feita na perspectiva do acerto da projeção. O traço é medido pelo cálculo do futuro projetado, e as roupas são riscadas hoje para um corpo que vai usá-las depois. As roupas nessas condições são uniformes, não podem ser feitas sob medida. Se o corpo crescer mais ou menos, tanto faz, é ele quem deve adaptar-se às vestes e não o contrário. A necessidade do traço, porém, guarda a confissão tácita da vergonha, do pejo, do estorvo<sup>3</sup> do corpo. Entendendo por corpo, aqui, a materialidade do ser em si, um ser reconhecível pelos característicos de espécie, mas compreendido como matéria amorfa, informe, destituída de caráter próprio. Uma massa disposta à modelagem, ou ao traço, ou às tintas de quem o pinta.

É relevante a lembrança das correlatas significações de pôr dentro e enganar. A sensação é de um ato fraudulento intencional. Uma espécie de abuso de incapazes. Uma apropriação *stell* *à o natária*<sup>4</sup> da condição de livre determinação do outro. O roubamos de si antes que se identifique (que seja o mesmo, que seja idêntico a si, que se ache, que se encontre, que se adquira) e se invente.

Se um dia vier a reconhecer-se como indivíduo, só lhe restará a possibilidade de, desavergonhando-se, descobrir-se e desenvergar-se para revestir-se em si próprio. Uma construção que só se afigura possível mediante a escolha insurrecional da desconstrução, como primeiro passo, como condição instituidora.

Em *diçco* vamos encontrar:

a) Sentido geral de conduzir: conduzir, ir à frente, guiar, estar à frente de, comandar; casar-se (falando do homem); levar, meter; regular, ordenar, organizar.

b) Sentido geral de puxar: puxar, atrair a si, tirar; traçar (linha, sulco), abrir (fossa); tecer (puxando os fios) compor (epopéia, versos); construir (muro, parede), estender, prolongar, arrastar; tomar.

c) Sentido geral de avaliar: contar, calcular, computar; julgar, ter na conta, estimar, ter por; crer, pensar, julgar.

3 Pelo Houaiss, derivado de torvus,a,um 'que olha de esguelha, que tem olhar ameaçador; terrível; severo, austero'

4 Stellio – lagarto estrelado que muda a cor da pele. Curioso é que stellio é uma nomação derivada do grego stèle que origina stela no latim e que significa monólito, espécie de coluna destinada a ter uma inscrição. In Dicionário Etimológico Nova Fronteira de Antônio Geraldo da Cunha.

*Ex dūco* ou *edūco* guardam entre outros, os sentidos de conduzir para fora, tirar; fazer sair, levar; levar a juízo, citar perante o tribunal; elevar, celebrar, exaltar; dar à luz, produzir; criar uma criança; beber, absorver, esgotar; gastar, passar o tempo.

Podemos interpretar livremente esses sentidos a partir da sua aproximação com a práxis até hoje verificada na mediana dos processos educativos.

Conduzir para fora pode ser entendido como o esforço para fazer sair ou tirar de si, na direção do outro que puxa ou conduz. Um passo inicial que define papéis e condiciona o processo relacional ao exercício de uma liderança exercida por alguém sobre alguém. Legitimada tal relação, ela cobre-se das funções e poderes inerentes à composição de sentidos de *dūco*, *ex dūco* ou *edūco*.

Como funções: traçar, construir, abrir, regular, organizar, elevar, produzir o outro.

Como poderes: arrastar, tomar, levar, avaliar, julgar, esgotar, estimar, crer, pensar o outro.

No início era o verbo. A expressão das ações que comportarão significado sintético à composição da palavra. E agora a palavra, cristalina e límpida, se apresenta como uma pedra.

Com *Ēdūcāre* encontraremos em acepção de Plautus as idéias de instruir, ensinar; em Titus Livius: definir uma posição, dispor de determinada forma; em Cícero: fazer sair, lançar ou tirar para fora.

E finalmente o vocábulo *Ēdūcātionis* propicia uma síntese interpretativa com significados de: educação, criação dos filhos, instrução, doutrina, ensino dos meninos.

Essa trajetória nos permite entender educação como um processo onde alguém lidera alguém, (ou muitos), nas etapas de construção de entendimentos e valores pré-formatados, que possuem uma pertinência de tipo transcendental, sobre a qual não cabem inovações ou contestações. É um ato (ou um conjunto deles) orientado para a formatação dos seres a um determinado desígnio ou finalidade que independe das vontades ou escolhas individualizadas; uma doutrina que só nos cabe professar. E para a qual se define um corpo próprio e especializado de profitentes, ou professores.

Podemos inferir também, que a palavra possui uma formação originária que a estabelece mais viva e apropriada nas relações entre adultos (que proclamadamente sabem), e crianças (que proclamadamente não sabem), precisando ser preparadas para a cena teatral de uma sociedade antecedente que as precede. Para cumprir sua missão doutrinária a educação necessita apagar riscando, para pôr dentro o estabelecido como necessário, as regras que orientam as condutas civilizadas, os comportamentos socialmente proclamados, as vertigens culturais da identidade de uma determinada população em dada espaciotemporalidade. Nessa linha podemos dizer que a educação é um rito de entrada e permanência. Um

esforço de combate e ultrapassagem do estado natural, caótico, selvagem e frágil do nascimento. É uma ferramenta para a adaptação, integração e refinamento das personalidades às estruturas de convivência e trocas sociais que existiam antes delas. Assim entendida, a educação não poderá jamais almejar a liberdade, se entendermos por liberdade a faculdade de constituição livre e individual de subjetividades instituidoras de mundos. Educar é dar forma ao informe. É afirmar o conceito prévio da sujeição dos seres à materialidade e à imaterialidade social e histórica em que nasceram. É dizer que fora do espaço dos sentidos sócio-históricos compartilhados só nos restam as psicopatias de comportamentos desviados e desviantes. Assim, por exemplo, é legítimo à criança de tenra idade conversar com animais e árvores, mas ao adulto tal comportamento é um perigoso surto que o coloca na irrealidade dos saberes aceitos e construídos.

Educar é afirmar, pela concepção e pela prática, uma dada ordem social que tem como base a sujeição voluntária, consciente ou não, à doutrina que lhe dá forma. Nessa acepção, a experiência da liberdade será sempre insurrecional, ou não existirá. A apropriação do ser por si próprio será sempre um ato de rebeldia, uma disposição beligerante, uma espécie de segundo parto invertido; não para a saída, mas para o ingresso no útero de uma consciência instituidora de si mesmo e do mundo que habita e significa.

## Um ato contra-educador.

O exercício da liberdade nunca estará conforme com a educação. A idéia de educar para a liberdade guardaria em nossa concepção um paradoxo, uma contradição nos próprios termos.

Nesta moldura de ensino que a liberdade não se ensina. É uma prática que nasce da vivência de um pensamento emancipado. É um ato de fuga (rompimento, quebra) desta moldura. Mas você só saberá a liberdade dentro da moldura, rompendo com ela. E aprendendo que não se ensina a liberdade. É isso que te ensino.

Todo ensinamento de liberdade é um ensinamento vazio. A liberdade não existe nas palavras. Ela se constitui na ação. Na ação do ser livre, que ninguém ensina a ser.

Se entendermos a liberdade como um pressuposto do processo de individuação, necessitaremos de outro conceito para alimentar a possibilidade de constituição de seres livres. A educação não nos servirá. Não nos bastará.

De como uma palavra interessante pode dar vez a um conceito aconchegante: Evolver.

## Evolver? O que mesmo é que é?

Se afirmamos a incompatibilidade entre educação e liberdade e se propomos esta última como uma dimensão instituidora dos seres, estamos mancos.

A desconstrução não basta. Se entendemos que o conceito de educação colide com o de liberdade, falta-nos um substrato que possa nos socorrer.

Uma palavra? Um constructo? Um conceito?

Iniciemos pela pedra. Só com o entendimento de que as palavras possuem magnetos conceituais que legitimam práticas e condutas é que nos arriscamos a esta picada<sup>5</sup>.

Evolver

*Ēvolvère, evolvo, vol*

Vol<sup>6</sup> é um antepositivo de uma raiz indo-européia *wel- / weh-*, com correspondentes no grego, no latino e no germânico.

Do grego derivam os sentidos de invólucro e, de forma extensiva, o corpo (considerado invólucro da alma); ainda do grego, rolar, envolver e espiral, movimento circular (e pretensamente ascendente, se imaginarmos uma espiral em movimento).

Do latim, em *volvo*: rolar, revirar, rodar, fazer passar (o tempo), fixar a sucessão dos acontecimentos no tempo, falar continuamente (daí narrar), sacudir, precipitar, refletir, pensar, meditar. Em *volubilis*: que é fácil de se revolver, que roda, gira com facilidade; mudável, variável, inconstância, movimento. Em *convolutus*, envolto em si mesmo.

Do germânico deriva *Walzer* que designa valsa.

Em *evolvo* e *ēvolvère* vamos encontrar rolar de cima, despenhar, revolver, estender, lançar-se, expedir-se, desembaraçar-se, desenvolver-se, fazer sair, afastar, expulsar, despojar, narrar, expor, contar.

Com tais significados antecedentes a palavra *evolver* guarda o sentido de passar por evoluções ou transformações sucessivas, desenvolver-se gradualmente, modificar-se, transformar-se, *evolver-se*, *evolucionar*, *evoluir*.

5 Desconsiderando, em termos, os sentidos usuais de mordedura, ferida, estado de amargura, empregamos a palavra na sua acepção de um atalho ou pequeno caminho aberto na mata com golpes de foice ou facão. Abrir uma picada envolve complexas necessidades de orientação, observação permanente do rumo e do entorno, avaliação constante, intuição, riscos e perigos. Mas só a picada pode dar início a novos caminhos. Fora dela estaremos sempre em estradas já construídas que tem um percurso pronto. E as estradas nos levarão usualmente a locais já visitados. São mais seguras, envolvem menos riscos, mas não possibilitam o descortino de paragens não conhecidas. Nas estradas mais que tudo importam os veículos, sobre eles concentramos nossos cuidados e atenções. Nas picadas, o desafio são elas mesmas. A possibilidade da aventura da construção. Se mal orientados, um grande risco é essa tendência inexplicável de andarmos em círculo, para depois de muito trabalho chegarmos exatamente no local de onde havíamos partido.

6 O resgate etimológico baseia-se nos dicionários Houaiss Eletrônico (2002), Porto Editora (2001), Etimológico Nova Fronteira de Antônio Geraldo da Cunha (1986), Aurélio da Língua Portuguesa (1986) e no Latino-Português de Geraldo Ulhoa Cintra e José Cretela Júnior (1944).



A *poiesis* nos permite inferir sentidos que repousam a ação em um sujeito que se afasta, se desembaraça e se lança. Um sujeito inconstante, dotado de um corpo que reflete em si o tempo que passa; que não é dotado de qualquer essência, mas que reflete a partir de si, no movimento de deixar-se pessoa para encontrar-se indivíduo.

A sua mutabilidade, entretanto, é uma condição assumida com a qual convive no processo permanente de passar por transformações sucessivas, de desenvolver-se gradualmente. É também uma condição relacional e ao mesmo tempo uma referência autógena que o situa, mutável, em um mundo em mutação. Nesse processo o liame consigo e com o outro se clarifica e fortalece, entre outros, pelo ato de narrar. A narrativa pressupõe um duplo mínimo: quem conta por qualquer forma uma história e quem, por qualquer forma, a recebe. Ao narrar, quem narra expõe-se ao entendimento do outro e passa a depender dele (que recebe a narrativa), para significar a sua história. Como são ambos mutáveis, a história também é. E os seus valores, e os seus sentidos.

Narrar, porém, é também resguardar a memória. É apreender sentidos novos de um já feito redivivo. Toda narrativa é um diálogo e isso é óbvio quando o outro interfere e participa, mas não tão claro quando silencia ou não está presente. É que narrar é sempre reinventar o vivido, mesmo que como projeto ou desejo. E isso só é possível na forma de um diálogo que impede qualquer possibilidade de reificação. Narrar implica pelo menos duas razões (*di logos*), que não obstante podemos encontrar em um único sujeito. Por isso, mesmo o silêncio de quem escuta, não impede o diálogo interno que se processa em quem narra. Mais importante que a compreensão talvez seja o ritmo compartilhado. A capacidade de estar junto, de sentir o outro como um corpo que também surpreende pela sincronicidade, que nos possibilita a antevisão de movimentos, mesmo que conscientes do susto e da surpresa possíveis. Estar junto como num passo de valsa onde a espaciotemporalidade é comum e os deslocamentos intuitivamente compartilhados, ainda que no movimento sem ensaio de dois corpos livres; ou não há dança.

Evolver é uma palavra que nos permite imaginar processos auto-evolutivos, graduais e permanentes, que nascem como demanda interna e não como proclamação exterior. É fruto do desejo e não da exigência. Do ser e não do parecer. Encontra-se mesmo na base da constituição do ser e daí, na base da constituição de sentido do estar vivo. Parte da premissa que a sujeição do mundo é a sujeição de cada um dos que dão forma e significado ao mundo, e que o seu contrário também é verdadeiro. E que por isso um indivíduo livre, apenas um, já significa um mundo insurreto e insurgente.

Da ética e da estética como categorias caudatárias e não conclusivas para o entendimento de evolver e educar.

Evolver, ao contrário de educar, faz repousar em cada ser a possibilidade de ser, sem cobrá-lo pela escolha. Decididamente não guarda qualquer sentido moral e propende mais à estética do que à ética. Daí talvez a possibilidade de inaugurar um novo leque de relações com outras palavras, e situações e pessoas. Que o belo tem uma

universalidade que exige ser compartilhada, já nos dizia Kant<sup>7</sup>. E que esse compartilhamento é movido por um desejo de expansão emotiva (contagante em si, independentemente de qualquer intencionalidade), podemos inferir.

Ao contrário da ética à qual servem logicidades (mesmo que não bastem), à estética elas são secundárias (mesmo que por vezes sirvam).

A ética fala à razão das razoabilidades de conduta, permite a fixação de limites pessoais de restrição à liberdade que servem como escolhas convivíveis legítimas e necessárias. Talvez a sua construção nasça com a apropriação coletiva do individual, passe pela confirmação e afirmação individual das valorações coletivas e ganhe ápice na práxis que, com essas bases de legitimação, consiga fortalecer as tradições, inovando-as.

Nessa linha, a ética pelejaria contra a moral e os tradicionalismos que a acompanham. Tenderia ao movimento e à ruptura e não à inércia e à conservação.

Poderíamos dizer que uma boa educação é uma práxis da ética.

Mas para o que discutimos, ela não é suficiente e bastante. A ética, mesmo considerando a mutabilidade dos valores, sua impermanência, e a possibilidade de inovação, pode ser professada. Pode ser reificada em uma doutrina temporal vinculante; tende a uma disposição de busca hegemônica no corpo social, à formação dos consensos “politicamente corretos”, à exclusão, mesmo quando se autoproclama inclusiva e exatamente por isso; entre outras.

A ética é um labirinto com muitas armadilhas, brincada por *Krónos*, exercitada por Sísifo e guardada por Cérberus.

## A ética é uma esperança<sup>8</sup> convergente.

A estética, não. É uma desesperança supravergente. Por conter a idéia da apreensão sensória, do que se percebe pelos sentidos, pela sensação, a estética é imaneamente individuada. Está para evolver como a ética está para educar.

7 Por favor, não me perguntem onde. Confesso que pouco li Kant e essa citação me ficou marcada a partir de leituras nos anos 80 que inspiraram um pequeno conto sobre um canoieiro e um sol.

8 Entendemos a esperança, cremos que como em Sartre, pelo seu antepositivo latino *sp* é *rv*: esperar, ter esperança; contar com, ter confiança de que, aguardar. Compreendemos aqui a necessidade de depositarmos na ação de outro a resolução de um desejo nosso. Assim procedendo perdemos a capacidade de governo em relação ao resultado almejado. A convergência a um mesmo fim ou direção pode ser induzida ou forçada, a depender dos instrumentos de convencimento de vontade disponíveis à relação concretamente posta. Usualmente significará o exercício do poder (explícito ou implícito) de um ser, um grupo de seres ou uma instituição sobre outrem. Só posso ter esperança em outro reificando-o. Toda individuação elegante (harmônica, leve, natural) é um exercício libertário desesperado. Servimo-nos de Fernando Pessoa (in Poesias de Álvaro de Campos): “Começo a conhecer-me. Não existo. / Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram. / Ou metade desse intervalo, porque também há vida... / Sou isso enfim... / Apague a luz, feche a porta e deixe de ter barulho de chinelas no corredor. / Fique eu no quarto só com o grande sossego de mim mesmo. / É um universo barato”.

Ou, também de Pessoa: “Como é por dentro outra pessoa / quem é que o saberá sonhar? / A alma de outrem é outro universo / com que não há comunicação possível / com que não há verdadeiro entendimento”.

Ao individuar-me, respeitosamente entendo o outro como um estrangeiro inacessível. Pois o vejo através de um espelho semitransparente no qual me reflito também. Exatamente por isso a minha ação é desesperançada, desesperada. Qualquer comunicação real é uma expressão da sorte, sobre a qual não posuo qualquer domínio.

A ética nos remete às culturas, a estética, à espécie. A ética é causal, a estética, casual.

A ética pode instituir uma linguagem de sentido único, uma comunicação paritária e binária, pode bastar-se com a expressão formal do comportamento, pode servir-se de categorias de representação que ganham matizes de valor, pode ser replicante, decodificar-se em modelos<sup>9</sup>; e na espaciotemporalidade da sua existência evocar-se como uma verdade vinculante cingindo-se, explícita ou implicitamente de instrumentos sociais de coerção. É uma expressão cultural afirmada na condição de um pacto civilizatório auto-imposto (e de adesão). Um instrumento legitimador da situação decisória inclusiva que a mediania coletiva pode impor ao ingovernável individual. Serve como um instrumento de parametrização, de balizamento, de medida. E é uma ferramenta eficaz, embora não suficiente, no combate artificial e sofisticadamente proclamado da “civilização” contra a “barbárie”.

A ética é funcional. Pode abstrair da realidade extratos de relações pertinentes mantendo todo o resto sob um parêntesis valorativo que tende à negação final dos parâmetros distintos. A ética pode ser calculada.

A ética pode ser árvore e fruto da educação, do ensino e da instrução.

A ética aprisiona presentes parindo futuros e vinculando os seres às suas projeções. É uma promessa. No mais das vezes uma promessa paradoxal: de liberdade na prisão.

A estética não nos cobra um gosto, um valor, um compromisso. Exprime-se em intensidade. Uma intensidade só aquilatada por aquele que a sente. Não é um cômputo, é uma emoção. Geralmente possibilita saltos de entendimento, precedidos por surpresa, susto, impulso. É uma conclamação à ação que ativa as capacidades de movimento, energia, atividade, causação.

É um exercício permanente de vida signivivida<sup>10</sup>. Uma exercitação de livre interpretação e sentido. Não é um ensino, mas é uma aprendizagem, possibilitada pela auto-experimentação de condições evolucionárias que nos habitam como potencialidades. Uma aprendizagem que nasce do susto que damos a nós mesmos ao sentirmos vivas capacidades que não reconheceríamos ‘a priori’ como nossas. É um impacto metacognitivo com uma tipologia de completude. Uma eventual resignificação, sob o seu domínio se dará por um outro espanto que guarda em si a inediticidade do anterior, mas não o repete.

Ao sentirmos essa ampliação dentro de nós mesmos experimentamos a sensação de um lúdico inigualável. Não estamos mais na posição das peças, alcançamos em nós a condição de *Magister Ludi* como um *éthos poiêtikós*<sup>11</sup> livre e auto-significado.

9 Podemos entender ‘modelo’ em algumas acepções: A) Aquilo que imita e que pode ou merece ser imitado, (imagem, forma, padrão. B) Uma representação, geralmente reduzida, da realidade, a partir da qual é possível controlar experimentalmente suas variáveis e simulá-la. C) Uma essência que se realiza nos fenômenos, uma forma abstrata que se corporifica no real. D) Na música, é o padrão gestual básico da regência que define a marcação do compasso. E) Uma fabricação humana, uma metáfora de totalidade.

10 Neologismo que quer exprimir a idéia de uma vida assinada, nominada, que possui uma marca própria, distinta, inédita e única, sob a qual se assume inteira responsabilidade.

11 Aqui entendido, a partir do grego, como um caráter, uma identidade própria, um modo de ser, de se conduzir, voltado à criação, à fabricação, à confecção de si mesmo e do mundo. E que se assenta, (com um acréscimo arbitrário de sentido), na disposição à excitação do espírito pelo que de mais elevado, elegante e comovente (que move junto) encontramos em nós mesmos, nas pessoas, nas coisas e nas idéias.

Não há binômios, paridades, falsos e verdadeiros, certos e errados, acesos e apagados. Alçamos à sensação do conhecimento pela revelação. Conseguimos estabelecer contato, através da instigação do outro (pelo que fez ou pelo que faz), com um eu desconhecido, que se apresenta e me transforma (Com o perdão da língua, o correto seria ‘me transforma-me’).

Aqui o conhecimento se transfaz em memória e a memória é intensidade.

Ao sentirmos isso, entendemos como uma descoberta o potencial de criar que possuímos. E nessa sensação criamos um valor novo em nós mesmos. Um valor que reforça a confiança em nossas capacidades, que nos iguala na condição ôntica, que nos revela e requalifica o outro como um ente imprescindível.

Assim, a capacidade de transformar-se, modificar-se, embora possível em outros processos, ganha uma força inaudita e uma compleição original no espaço inquieto da criação e das descobertas de si; nos processos de evolvimento.

Uma espécie de catarse acompanha essa vertigem do mergulho em si; que possibilita o afastamento do que é circunstancial e contingente e o encontro com uma identidade de espécie que (em tese) nos é comum.

Poderíamos refletir sobre o extremo arbítrio e aleatoriedade que recobrem essas sensações. Sobre a impossibilidade de almejarmos para o ser individualmente considerado qualquer previsibilidade de desejo, intenção, rumo. Ficamos com um sentimento enevoado que afirma o incerto, o imprevisível, o impermanente como condições próprias de uma idéia estética de liberdade.

Nessa direção, se considerarmos os sistemas sócio-culturais e suas características impositivas sobre os indivíduos que os compõem, estaremos no campo paradoxal de uma liberdade impossível, se considerada sistemicamente.

Por isso a afirmação de que a sua conquista individual será sempre um ato insurrecional; ou um erro, do ponto de vista do sistema ao qual pertencemos. Sendo possível vislumbrarmos o exercício individual da liberdade, cremos impossível o seu exercício social.

A aparência é que o sujeito coletivo guarda inclinações previsíveis e uma espécie de finalidade de tipo transcendente, aparentemente fixada pelas condições sócio-históricas dadas pela espaciotemporalidade em que vive. Aqui os sentidos são causais. E as finalidades um ocaso que se encerra na sua realização (que nunca é bastante e que sempre tem um depois).

Ao fazer-se, o indivíduo transforma sua demanda imanente por liberdade em proclamação. E o faz pela afirmação de um desejo que se realiza, de uma nova condição experimentada de ser, pela capacidade autógena de definir finalidades. Aqui os sentidos são casuais. E as finalidades um acaso que se prolonga na sua realização.

Reafirmamos assim que o sujeito coletivo possui inclinação, é regular e previsível; o sujeito individual (entendido sob o ponto de vista das suas potencialidades) é ingovernável, irregular, imprevisível.

Poderia argumentar que sob esse prisma o indivíduo afirma-se como sujeito histórico apenas na casual possibilidade de uma intervenção atual ou prospectiva sobre o coletivo. E isso só ocorre na materialidade<sup>12</sup> de um produto que ele causa, na ação. Mas na ação a subjetividade se expõe a interpretações que não domina. Deixa de ser para parecer. E cai na armadilha irrecusável da reificação.

Talvez a liberdade só possa existir como um segredo. E como todo segredo, só existirá se for individualmente guardada. E se for assim a liberdade será sempre sólido.

## Para quê, então, sermos livres?

Para sermos plenos diante da insondabilidade da vida. Para não nos recusarmos à responsabilidade da absurda condição humana: a fixação de finalidades que dão sentido ao existir. Mesmo que não existam sentidos, apenas procuras. Para que avancemos na aventura evolucionária da beleza.

Há, porém, na proposta dos processos de envolvimento, uma aposta: De que os movimentos do sujeito coletivo a que designamos sociedade sejam respostas complexas às individuais intervenções daqueles que a compõem. E que a imponderável trajetória atômica evolvente possa qualificar positivamente a molécula, o tecido, o organismo, o corpo, a rede, a teia social.

É uma aposta nas ovelhas e não no pastor.

Mas não é uma aposta no futuro. É uma disposição de assumirmos o preturo<sup>13</sup> como o tempo suficiente e bastante para a vida livremente vivida. A vida vívida. A vida impresumível, a vida bela.

Estas são algumas inquietações das quais brota a idéia da Universidade Popular Comunitária, a UPC. Talvez uma instituição impossível.

12 A materialidade talvez fosse melhor entendida aqui como fisicalidade, o que daria à idéia de produto também uma dimensão difusa, por exemplo, o efeito da voz, do som, da imagem, do gesto, do movimento.

13 Propomos preturo como um conceito que unifica presente e futuro como uma dimensão temporal única e o situa na realidade corpórea do ente. É um tempo que nos habita e que é habitado por nós. Um tempo que perde sua condição de categoria e ganha materialidade na concretude do ser. Nessa perspectiva presente e futuro amalgamam-se como um tempo único, vívido e real. Um tempo corporificado, que nos habita como potência e capacidade de causar. Além dele, utilizamos também o conceito de pretérito, como o tempo vívido, repositório de aprendizagens e memórias que o preturo pode, a qualquer tempo, acessar e significar ou ressignificar. Com ambos os conceitos trabalhamos a idéia de tempo não como uma linha contínua que se projeta para a frente, mas como um processo onde o ir e vir tem um núcleo central assentado no real da vida, do ser realmente existente. O pretérito é o tempo que está à frente, ao nosso dispor, como uma vitrine onde pela memória organizamos as lembranças e definimos seus sentidos. O preturo é o tempo que nos habita, a tradução plenificada de outro conceito para nós fundamental: o da liberdade efetiva e realmente exercitada. Nessa direção entendemos que a afirmação do futuro como o tempo que está à frente tem significado usualmente a constituição de um espaço imaginário e fictício no qual depositamos esperanças e promessas que em geral não são construções próprias e sim arcabouços coletivos onde os desejos e as vontades são depositados, sobre os quais não temos domínio e governo. O futuro nessa dimensão de entendimento pode ser considerado uma estrutura social de regulação das aspirações e um conceito que propicia a usinagem de promessas e expectativas que forcem o exercício da liberdade à inércia da esperança depositada no agir do outro. Se o futuro, em geral, nos isenta e nos desculpa, pelo rotineiro caminho das lamúrias e de algum desconsolo, o preturo, por sua vez nos compromissa e obriga. No preturo somos responsáveis por nós mesmos, com todos os riscos do livre exercício das nossas vontades, exponenciando, porém, a nossa capacidade de ser e de causar, no tempo que habitamos e que nos habita, no tempo em que realmente somos, no tempo que realmente conta e existe.

## Referências

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira** (1986), Aurélio da Língua Portuguesa (1986), Dicionário Latino-Português de Geraldo Ulhoa Cintra e José Cretela Júnior (1944).

Dicionário Houaiss Eletrônico. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. [www.uol.com.br/houaiss](http://www.uol.com.br/houaiss).

**Dicionário On-Line de Língua Portuguesa**. Porto Editora. [www.portoeditora.pt/dol](http://www.portoeditora.pt/dol)

SARTRE, Jean Paul. **Os Dados Estão Lançados**. Campinas, SP, Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Náusea**. Publicações Europa-América, lb 133 (sem local e data).

\_\_\_\_\_. **Com a Morte na Alma**. São Paulo, SP, Difusão Européia do Livro, 1968.

\_\_\_\_\_. **Sursis**. São Paulo, SP, Difusão Européia do Livro, 1964.

\_\_\_\_\_. **A Idade da Razão**. São Paulo, SP, Abril Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. **El Muro**. Buenos Aires, Editorial Losada S.A., 1978.

\_\_\_\_\_. **O Existencialismo é um Humanismo**. Lisboa, Editorial Presença, 3ª edição, 1970.

Recebido em:	05/12/2006
Aceite em:	06/02/2007